

Vinte e dois milhões de crianças sem escola na América Latina

Dois milhões de crianças estão sem ensino primário e vinte milhões não frequentam o equivalente ao 2º ciclo do Ensino Básico na América Latina, segundo um recente relatório publicado pela Unesco. Apesar de assinalar o aumento da taxa de escolarização primária na região (a rondar actualmente os 80%), e dos progressos levados a cabo por diversos países (Argentina, Bolívia, Brasil, Cuba, Equador, México e Peru conseguiram universalizar o ensino primário e Costa Rica, Uruguai e Venezuela estão muito perto deste objectivo), a Unesco ressalva a clivagem entre as zonas rurais, onde duas em cada cinco crianças não terminam a escola primária ou concluem-na com pelo menos dois anos de atraso em relação ao previsto, e as zonas urbanas, onde essa proporção diminui para uma criança em cada seis. No que toca ao ensino secundário, a taxa de escolarização também aumentou, mas não ultrapassa a fasquia dos 54%, o que permite estimar que 20 milhões de jovens não se encontram escolarizados.

Segundo a Unesco, estes "progressos" não devem, porém, ocultar os "problemas" que interferem na qualidade do ensino na região - que se reflectem nomeadamente nos altos índices de abandono e de reprovação e na desproporção das taxas de abandono escolar em zonas rurais e urbanas -, cuja causa pode ser encontrada nas desigualdades económicas que se verificam no interior de cada país, e que traduzem necessariamente uma desigualdade em matéria de ensino. Esta situação, na qual as oportunidades das crianças dependem directamente da posição sócio-económica ocupada pelos pais, não podem desembocar noutra coisa senão na "pobreza hereditária", destaca a organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

No que diz respeito ao ensino superior, que a Unesco considera "um dos grandes desafios da educação na América Latina", a participação é bem menos considerável, com uma taxa regional que não atinge ainda os 20%, e onde as diferenças entre países são consideráveis (47% na Argentina e 12% na Nicarágua, por exemplo). Esta baixa participação pode ser explicada por diversos factores: necessidade de muitos jovens ingressarem no mercado de trabalho uma vez concluída o ensino secundário, o alto custo do ensino superior por aluno para os governos e o facto de em muitos destes países o ensino superior ser, na maioria, privado e, portanto, estar fora do alcance da maior parte dos cidadãos.

A organização lamenta ainda que muitas populações indígenas tenham ficado "excluídas do sistema educacional até meados do século XX", lembrando, porém, a importância da Declaração intergovernamental de Cochabamba, assinada no ano passado, onde se reconhece "a necessidade de o ensino ser difundido tanto nas línguas indígenas como nas oficiais".

Este relatório sobre a América Latina, elaborado pelo Instituto de Estatísticas da Unesco e publicado no mês passado em Paris, é o primeiro de uma série que analisa a situação da educação no mundo por regiões, e inclui dados de 19 países da América Latina: Argentina, Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Cuba, Chile, Equador, El Salvador, Guatemala, Honduras, México, Nicarágua, Panamá, Paraguai, Perú, República Dominicana, Uruguai e Venezuela, com gráficos estatísticos para cada um deles, podendo ser consultado no 'site' da organização em www.unesco.org